

REFLETINDO SOBRE AS NOMINALIZAÇÕES ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS

Cristina Figueiredo¹

INTRODUÇÃO

No quadro da Teoria Gerativa, o estudo das nominalizações justifica-se por ser um caminho para a arquitetura da gramática, uma vez que essas são formações mistas – verbais e nominais (ALEXIADOU, 2009, 2010). Portanto, investigá-las pode fornecer explicações sobre o comportamento dessas duas categoriais lexicais quanto à sua capacidade de selecionar argumentos, quanto ao número de camadas que as constituem e às informações nelas contidas, quanto à interferência de aspecto lexical (*Aktionsart*), quanto ao tipo de modificação (adverbial ou adjetival) a que estão sujeitas e, finalmente, quanto ao tipo de leitura que expressam. Acrescento ainda que a análise de nominalizações deverbais pode dar pistas sobre as propriedades categoriais, sintáticas e semânticas dos afixos que se associam não só a bases verbais, mas também nominais.

Ao longo dos estudos linguísticos de base gerativista, as pesquisas ora consideram que a formação de palavras se dá no léxico, numa abordagem denominada

¹ Este trabalho teve apoio CNPq (Processo 165204/2017-6). Agradeço à Ana Paula Scher, a Rafael Minussi, a Rerisson Cavalcante pela leitura atenta, pelas discussões e sugestões. E, pela revisão e adequação às normas, à Raisa Reis.

lexicalista (CHOMSKY, 1970; GRIMSHAW, 1990), ora, no componente sintático, em abordagens denominadas não lexicalistas (HALE, MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; BORER, 2003). No primeiro tipo de abordagem, as palavras, que entram na derivação das sentenças, são formadas no léxico, e as raízes possuem informações fonético-fonológicas, semânticas, sintáticas e categoriais. Uma vez no componente sintático, os núcleos de predicados determinam a satisfação de sua grade argumental. Nos modelos não lexicalistas, as palavras são formadas na sintaxe da mesma forma que as sentenças, a partir do *merge* de raízes com morfemas funcionais. Porém, não há um consenso quanto ao fato de as raízes possuírem informações de natureza fonológica, morfossintática ou semântica antes de entrarem no componente sintático, nem quanto ao tipo de informação que poderiam conter. Para Hale e Marantz (1993), as raízes não possuem qualquer informação, para Borer (2003), possuem informação fonológica e, para Arad (2005), possuem informações conceituais.

Neste trabalho, no âmbito das teorias não lexicalistas, mais precisamente da Morfologia Distribuída (doravante MD), a partir da discussão encontrada na literatura sobre o papel da estrutura na leitura final das nominalizações deverbais no inglês e no grego (ALEXIADOU, 2001, 2009; ALEXIADOU; SCHÄFER, 2010; HARLEY, 2009), proponho, na seção 4, questões acerca das possibilidades de leitura das nominalizações deverbais (-ção, -mento, -agem, -dor, -nte) e não deverbais (-eiro, -ista) no português do Brasil (doravante PB), considerando, principalmente, o papel dos afixos nominalizadores para a leitura final das nominalizações. Não tenho como objetivo, neste trabalho, apresentar respostas para as questões levantadas, mas apontar para aquelas que têm me motivado realizar pesquisa morfológica, considerando a interface sintaxe e semântica.

Este trabalho está assim organizado: na seção 2, faço uma breve descrição sintática e semântica de nominalizações deverbais no PB, a fim de servir de base para a proposição das questões na seção 4; na seção 3, apresento alguns aspectos dos trabalhos de Chomsky (1970) e Grimshaw (1990), com a intenção de elencar as propriedades verbais transparentes nas nominalizações; na seção 4, apresento discussões sobre as nominalizações no inglês e no grego, considerando a interface sintaxe-semântica para explicar os tipos de leitura expressos por um mesmo nominalizador; na seção 5, apresento algumas questões sobre a formação das nominalizações do português, bem como o papel sintático-semântico dos nominalizadores, tendo em vista os pressupostos do MD, apresentados no início dessa seção; e, na seção 6, são realizadas as considerações finais.

2. SOBRE AS NOMINALIZAÇÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tradicionalmente, essas nominalizações são definidas como processo de formação de nomes abstratos, a partir da adjunção de um sufixo nominalizador a uma base verbal. No português, entre outros, são considerados nominalizadores: os sufixos *-ção*, *-mento*, *-agem* e o afixo \emptyset , que formam apenas substantivos, além de *-dor* e *-nte*, que formam substantivos e adjetivos. Sobre as formações com o primeiro conjunto de sufixos, diz-se ainda, em dicionários² e gramáticas³ de língua portuguesa, que expressam leitura de evento (ato de), resultado, agente/instrumento, como nos exemplos (1) a (4)⁴:

(1) Evento

- a. A construção da linha 1 do metrô de Salvador (pelo estado) lentamente causou transtornos à mobilidade dos soteropolitanos.
- b. A montagem do cenário (pelos operadores de palco) terminou quase na hora do espetáculo.
- c. A reforma da casa (pelos marceneiros) demorou quatro meses.

(2) Resultado

- a. A construção (do metrô) agradou à população.
- b. A montagem (do cenário) ficou maravilhosa.
- c. ?A análise (dos dados) (de Joana) foi reconhecida.

(3) Entidade concreta

- a. A escola fica atrás daquela construção alta.
- b. A carceragem está lotada.
- c. A encomenda está na mesa.

Quanto às formações em *-dor* e *-nte*, diz-se, nas gramáticas, apenas que nominalizações desses tipos são agentivas e formam substantivos ou adjetivos⁵.

- (4) a. O vendedor_{subst} (de balas) não ganha o suficiente para sustentar a família.
- b. O menino vendedor_{adj} ?[de balas] não ganha o suficiente para sustentar a família.

² Aurélio, 1999; Houaiss, 2009.

³ Rocha Lima (2006); Bechara (2009); Cunha e Cintra (1985); Bagno, 2011.

⁴ Ao longo deste trabalho, os exemplos não referenciados foram criados por mim.

⁵ Agradeço a Karem Nogueira pela discussão sobre os dados em (4), objeto de estudo de sua dissertação de mestrado em andamento.

- c. Ele é um conhecedor_{subst} das artes.
- d. Isso foi alucinante_{adj}.
- e. O melhor lubrificante_{subst} (de motores) é esse.
- f. O liquidificador_{subst} está quebrado.
- g. O corredor_{subst} chegou atrasado para a partida.

Nesses veículos descritivos, entretanto, pouco ou nada se diz sobre a obrigatoriedade/possibilidade de as características verbais serem transparentes nas nominalizações deverbais, tais como estrutura argumental, atribuição de papel semântico e de caso, modificação por advérbio ou adjetivo. Sem a pretensão de ser exaustiva, realizo uma descrição dos exemplos de (1) a (4) a fim de apontar para o fato de que há muito mais a se dizer sobre as nominalizações no português do Brasil (doravante PB). Nesta breve descrição, busco evidenciar o comportamento das nominalizações deverbais no PB a fim de posteriormente, na seção 4, apresentar questões que motivam a busca por respostas. Como se pode verificar em (1), nominalizações que exprimem evento refletem a estrutura argumental herdada da contraparte verbal, pois tanto o argumento interno quanto o externo estão presentes. O argumento externo agentivo/causativo (*by-phrase*, no inglês) é realizado por um sintagma preposicionado introduzido pela preposição *por* (*pela(s)*, *pelo(s)*)⁶, como em (5).

- (5) a. A montagem do cenário (pelos operadores de palco)
- b. Os operadores de palco montaram o cenário

Observando as nominalizações em (1), verificam-se as seguintes propriedades verbais: i) podem ser modificadas por advérbio (*lentamente*, em (1a)); e ii) expressam noção de aspecto durativo, evidente em (1a) pela presença do advérbio *lentamente*, que pressupõe a ideia de tempo transcorrido, em (1b), em que se observa o fim de um processo, e em (1c), por expressar a duração propriamente dita do evento (*quatro meses*).

Nas nominalizações que expressam leitura de resultado em (2), observa-se a possibilidade de ocorrência de dois PPs, sugerindo uma correspondência com o número de argumentos observados em sua contraparte verbal, como em (5), apesar de a presença desses PPs juntos causar estranheza, como em (2c).

Contrariando Grimshaw (1990) e assumindo Picallo (1991), Alexiadou (2001) afirma que o PP com papel de tema (*do metrô*, *do cenário* e *dos dados*, em (2)) é um argumento da nominalização, visto que mantém o papel temático

⁶ Conforme Grimshaw (1990).

do argumento interno de sua contraparte verbal. Observando as nominalizações no PB, em alguns casos, quando o PP tema não é realizado, sua recuperação se dá no discurso ou na situação, tornando evidente sua necessidade para a boa formação da sentença, o que sugere seu caráter argumental. Quanto ao PP que “corresponderia” ao argumento externo, Grimshaw (1990), Alexiadou (2001), entre outros, assumem que ele não é um argumento, nem expressa papel de agente, como em (1). É um possuidor e tem a estrutura *of-phrase* (*de + DP*, no português), uma propriedade nominal. No português, esse PP é ambíguo em dois caminhos: i) quando ocorre sozinho, pode ser interpretado como possuidor ou como tema da nominalização, como em (6); e ii) quando os dois PPs coocorrem, com o PP tema antecedendo o PP possuidor, o *of-phrase* pode indicar a posse referente à nominalização e seu argumento tema, como em (7a), ou apenas ao argumento interno da nominalização, como em (7b).

- (6) A análise de Joana foi reconhecida.
 = Joana realizou a análise
 = Joana é o objeto da análise
- (7) a. [A análise dos dados] de Joana
 b. A análise d[os dados de Joana]

Nas formações com leitura de entidade em (3), ou nominalização referencial nos termos de Grimshaw (1990), constatamos seu comportamento como nominais, o que parece evidenciar que essas formações não possuem uma camada verbal: i) não há estrutura argumental; ii) podem ser modificadas por adjetivos; e iii) podem ser pluralizadas.

Por fim, nas nominalizações substantivas e adjetivas em (4), verifica-se que, quanto à leitura, elas não exprimem apenas o papel de agente. Podem expressar: i) agente (4a, b); ii) experienciador (4c, h); iii) causador (4d); e iv) instrumento (4e).

Nessas formações, embora seja facultativo, pode ocorrer um PP com o mesmo papel semântico do argumento interno de sua contraparte verbal. Observa-se, entretanto, uma estranheza quando esse PP complementa a formação adjacente ao nome (adjetiva?), como em (4b), o que desaparece com uma prosódia marcada, isolando a nominalização e o PP (‘O menino, *vendedor de balas*, não ganha o suficiente para sustentar a família’)⁷, uma construção de aposto, confor-

⁷ Lembro que não pretendo realizar uma análise exaustiva das nominalizações, pois isso requer a investigação de um número significativo de dados. A breve descrição apresentada é mote para as questões propostas na última seção deste trabalho.

me a tradição gramatical. Dessa forma, *vendendor* seria um substantivo. Porém, há algumas formações em que se constata propriedades adjetivais, aquelas que permitem a adjunção do sufixo deadjetival *-mente* formando advérbios, com em (4h).

Nas formações com leitura de entidade, como em (4e, f), esse PP parece especificar o termo que o antecede (carregador de celular, de computador etc.; lubrificante de motor, de máquina etc.), o que poderia ser interpretado como uma *palavra complexa* por teorias lexicalistas.

Quanto à valência da base, os afixos *-dor* e *-nte* nominalizam bases verbais transitivas (*vendedor*, *lubrificante*), inergativas (*corredor*, *corrente*), e verbos que permitem alternância causativa/incoativa (*enloquecedor*, *alvejante* = *tornar alvo*). Tendo em vista que *-dor* expressa agentividade, um papel semântico atribuído ao argumento externo do verbo, tem-se assumido não ser possível formações com esse afixo a partir de verbos inacusativos (MIRA MATEUS et al., 2003; OLIVEIRA, 2007), embora dicionários da língua portuguesa registrem, entre outras⁸, a forma *saidor* como um regionalismo cujo significado é ‘aquele que consegue sair do cavalo sem cair’.

São também transparentes os traços que permitem a interpretação do aspecto lexical ou das classes vendlerianas⁹: duração, dinamicidade e telicidade. Por exemplo, a presença de um agente pressupõe *dinamicidade*; tempo transcorrido durante a realização do evento, *duração*; e pressuposição de uma ação terminada, *telicidade*.

Na seção seguinte, apresento algumas ideias de trabalhos fundamentais (CHOMSKY, 1970; GRIMSHAW, 1990)¹⁰ para o estudo das nominalizações.

3. AS PROPRIEDADES VERBAIS E NOMINAIS NAS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS

Chomsky (1970), no artigo *Remarks on Nominalization*, investiga as nominalizações deverbais e distingue dois tipos, nominalizações gerundivas (*-ing*) e nominalizações derivadas (*-al*, *-ness*, *-ism* etc.), considerando, entre outros aspectos, as seguintes propriedades:

⁸ Agradeço a Rerisson Cavalcante pelos exemplos de formações a partir de verbos inacusativos encontrados em dicionários e sites do português: *chegador*, *adormecedor*, *morador* e *nascedor*.

⁹ Considerando a combinação dessas três noções, Vendler (1967) propõe quatro classes acionais: estativa, atividade, *accomplishment* e *achievement*.

¹⁰ São apresentados apenas os aspectos relevantes para a discussão realizada neste trabalho.

- (i) as nominalizações podem selecionar argumentos, tal como sua contraparte verbal?
- (ii) as nominalizações podem ser encabeçadas por determinantes?
- (iii) as nominalizações podem ser pluralizadas conforme nomes?
- (iv) as nominalizações podem ser modificadas por adjetivo ou advérbio?

Do ponto de vista do significado, as nominalizações gerundivas correspondem à contraparte sentencial, enquanto, nas nominalizações derivadas, isso nem sempre é observado, seu significado pode ser idiossincrático ou não composicional.

Tendo em vista essas diferenças, Chomsky (1970) conclui que a formação desses dois tipos de nominalizações ocorre em componentes distintos na arquitetura da gramática. Enquanto a formação das nominalizações gerundivas ocorre no componente transformacional (sintático) devido, principalmente, à transparência da estrutura de argumentos e do significado de sua contraparte sentencial, as nominalizações derivadas ocorrem no componente base, desenhando a hipótese lexicalista.

Grimshaw (1990), numa perspectiva lexicalista, analisando nominalizações no inglês, observa que formações com estruturas idênticas (mesma base e mesmo sufixo) podem ser ambíguas quanto ao tipo de leitura que expressam. Podem expressar um evento ou um resultado, conforme os exemplos em (1) e (2). Considerando também os nomes referenciais, a autora propõe três tipos de nomes, tendo em vista a sua estrutura e propriedades verbais e nominais:

- (i) nominalização de evento complexo (com estrutura argumental);
- (ii) nominalização de evento simples (nomes referenciais);
- (iii) nominalização de resultado.

Segundo a autora, esses nomes se distinguem a partir de dois conjuntos de propriedades morfossintáticas: de um lado, as nominalizações de evento e, de outro, as de resultado e as referenciais.

De acordo com a autora, apenas as primeiras selecionam obrigatoriamente argumentos e podem marcar com o Caso acusativo seu argumento interno, tal como ocorre com as formações em *-ing* do inglês, e marcar tematicamente o argumento externo como agente. Os outros dois tipos não selecionam argumentos.

O quadro a seguir, presente em diversos trabalhos e repetido aqui devido à sua relevância para a discussão do tema (BORER, 2003; HARLEY, 2009,

ALEXIADOU, 2010), relaciona os dois conjuntos de propriedades que distinguem as nominalizações.

Quadro 1 – Distinção entre nominais de evento simples e de evento complexo

Nominais referenciais	Nominais com estrutura argumental
Sem atribuição θ , sem argumento obrigatório	Atribuição θ , argumento obrigatório
Leitura não eventiva	Leitura eventiva
Sem modificador orientado para agente	Modificador orientado para agente
Sujeitos são possessivos	Sujeitos são argumentos
<i>By phrases</i> são não argumentais	<i>By phrases</i> são argumentais
Sem controle implícito de argumento	Controle implícito de argumento
Sem modificação aspectual	Modificação aspectual
Modificação por <i>frequente e constante</i> apenas no plural	Modificação por <i>frequente e constante</i> apenas no singular
Pode ser plural	Deve ser singular

Fonte: Adaptado de Alexiadou (2010, p. 500).

De acordo com as características relacionadas no Quadro 1, ser derivada de verbo não garante que propriedades verbais sejam transparentes em todos os tipos de nominalização de verbal. Na primeira coluna, estão reunidas apenas propriedades consideradas nominais, que caracterizam as formações de resultado. Dessa forma, ter uma base verbal não tem consequências semânticas nem morfo-sintáticas, contrariamente às formações de evento que, conforme a segunda coluna do quadro, possuem predominantemente propriedades verbais. Apenas o fato de não permitirem flexão de número faz alusão a uma propriedade nominal. Algumas dessas propriedades estavam na base da distinção entre nominalizações gerundivas e nominalizações derivadas de Chomsky (1970), porém, Grimshaw (1990) acrescenta outras propriedades, visto que seu objetivo é distinguir nominalizações idênticas, ambíguas quanto a seu significado. Segundo a autora, as diferentes leituras se devem à presença de uma estrutura de evento nas nominalizações com estrutura argumental, conforme coluna 2 do Quadro 1, e ausência nas nominalizações de evento simples e as de resultado conforme coluna 1 desse quadro. Essa distinção, em trabalhos posteriores, levou a assumir-se

que os tipos de nominalização poderiam ser explicados em termos de estrutura sintática, presença *versus* ausência de uma camada verbal na derivação dessas formações (BORER, 2003; ALEXIADOU, 2001, 2009).

Na seção seguinte, são apresentadas algumas propostas que estabelecem uma relação entre o tipo de leitura expresso pelas nominalizações deverbais e sua estrutura.

4. SEMÂNTICA E ESTRUTURA DAS NOMINALIZAÇÕES

Tendo em vista os pressupostos da MD (HALLE; MARANTZ, 1993; 1994), uma abordagem que propõe que as informações antes contidas no léxico são distribuídas em três listas, de acordo com o tipo de informação – formais, fonológicas e semântico-pragmáticas –, a diferença entre a leitura de resultado de um lado e a de evento de outro não é explicada de forma consensual. Nas subseções a seguir, apresento algumas propostas de análise.

4.1 Harley e Noyer (1997): Derivando *nominalizações-de*¹¹

Harley e Noyer (1997), sem fazer qualquer referência aos tipos de leitura que as nominalizações possam expressar, propõem estruturas distintas para três tipos de nominalizações do inglês: as gerundivas, que marcam seu argumento interno com Caso acusativo; as nominalizações derivadas do tipo *nominalizações-de*, em que o Caso do argumento interno é marcado pela preposição, e as nominalizações mistas, derivadas em *-ing*, mas que necessitam de uma preposição para marcar o Caso de seu argumento, exemplificadas em (8), (9) e (10), respectivamente.

- (8) The barbarian army(’s) suddenly destroying the city upset Caesar.
a destruição da cidade pelo exército bárbaro repentinamente surpreendeu César
- (9) The barbarian army’s sudden destruction of the city upset Caesar.
a repentina destruição da cidade do exército bárbaro surpreendeu César
- (10) Belushi’s mixing of drugs and alcohol proved fatal.
a mistura de drogas e álcool de Belushi foi fatal

(HARLEY; NOYER, 1997, p. 2-3)

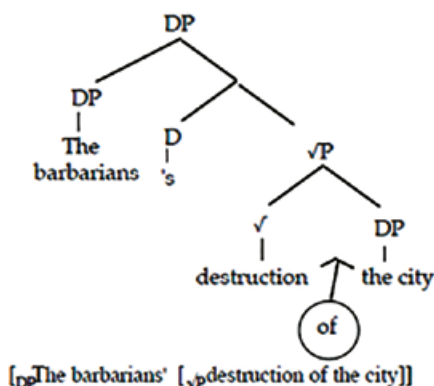
¹¹ Do inglês, of-nominalizations.

Harley e Noyer (1997) propõem que apenas nominalizações gerundivas, como em (8), possuem uma camada verbal, evidenciada pela possibilidade de:

- (i) serem modificadas por advérbio e, conseqüentemente,
- (ii) terem uma camada funcional capaz de atribuir caso acusativo ao argumento interno.

Assumindo que essas duas propriedades não estão disponíveis para os dois últimos tipos de nominalizações, os autores afirmam que, nessas formações, não há uma camada funcional: \sqrt{P} é dominada por um DP e o Caso do argumento interno do núcleo de \sqrt{P} é marcado a partir da inserção da preposição *of* após a derivação, numa operação de último recurso, conforme representado em (11).

(11) [_{DP}The Barbarian's [_{√P}destruction of the city]]



(HARLEY; NOYER, 1997, p. 9)

Essa estrutura, no entanto, não capta as propriedades verbais peculiares às nominalizações de evento, conforme Grimshaw (1990), e não prevê a possível presença de um argumento externo nem de um modificador adverbial, por exemplo, que também é possível em nominalizações com o sufixo *-ation* (ALEXIADOU, 2001, 2009), ambíguas entre evento e resultado.

4.2 Harley (2009): Nominalizações são estruturas de evento

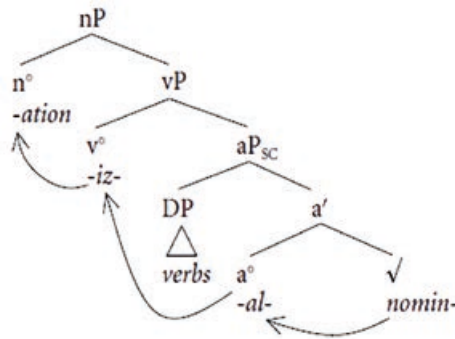
Posteriormente, Harley (2009), com o objetivo de propor uma distinção para as nominalizações com leitura de evento e de resultado, assume que formas morfológicas complexas devem conter a estrutura daquelas a partir das quais foram derivadas. Assim, a estrutura do nome *nominalization* deve conter as partes menores que a constituem: a raiz, o adjetivo e o verbo, como na representação em (12):

(12) [[[[nomin]_v al]_A iz]_v ation]_N

(HARLEY, 2009, p. 334)

Comparando a representação em (11) com a representação em (12), verifica-se que naquela não está prevista uma posição para o verbalizador *-iz*, realizado foneticamente em *nominalization* e representado em (11). Harley (2009), então, propõe uma nova estrutura contendo uma camada verbal que assumirá para os dois tipos de leitura, considerando que tanto nominalizações de evento quanto de resultado possuem uma estrutura morfológica completa.

(13) nominalization of verbs
 ‘nominalização de verbos’



(HARLEY, 2009, p. 337)

Assumindo a distinção proposta por Grimshaw (1990) de que nominais de evento não se pluralizam, portanto são massivos, em oposição aos de resultado, que se pluralizam, sendo, portanto, contáveis, a autora afirma que a distinção entre as duas leituras, que compartilham a mesma estrutura, como em (12), se deve a um processo de coerção de massivo para contável. Segundo a autora, por razões semânticas desencadeadas por esse processo, a possibilidade de projeção argumental é descartada nas nominalizações de resultado, conforme Alexiadou (2009).

4.3 Alexiadou (2001, 2009): Estrutura e significação

Alexiadou (2001) assume que nominalizações de resultado podem, assim como as de evento, ter estrutura argumental, com base em dados do catalão (PICALLO, 1991) e do francês (SILONI, 1997), como em (14) e (15), respectivamente.

(14) a. la discussio de les dades va durar tot el dia *processo*
 a discussão dos dados durou o dia todo

- b. la discussio de les dades es va publicar a la revista *resultado*
 a discussão dos dados foi publicada na revista

(ALEXIADOU, 2001, p. 13)

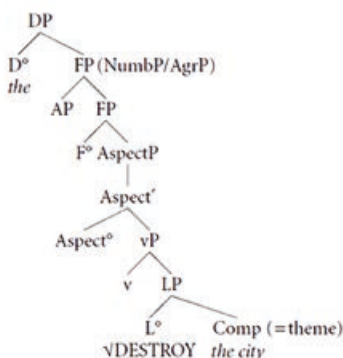
- (15) a. la presentation de livres de ce journaliste est toujours raffinée *resultado*
 a apresentação dos livros desse jornalista é sempre refinada
 b. *la presentation frequente de livres de ce journaliste.
 a apresentação frequente dos livros desse jornalista

(ALEXIADOU, 2001, p. 14)

Em (14a), segundo a autora, a leitura de processo é evidenciada pela presença de uma expressão temporal de duração (*va durar tot el dia*), e, em (14b), a leitura é de resultado, pois somente o resultado da discussão pode ser publicado. Para a autora, no exemplo em (15a), a nominalização *présentation*, neste contexto, só pode receber a leitura de resultado, mesmo ocorrendo com dois PPs. Uma evidência dessa interpretação é a agramaticalidade provocada pela inserção do modificador *frequente*, como em (15b), um teste que deveria confirmar leitura de evento conforme previsto por Grimshaw (1990).

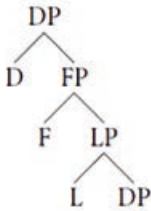
Alexiadou (2001), considerando que o papel temático dos PPs, tanto na leitura de resultado quanto na de evento, é o mesmo, conclui, contrariando Grimshaw (1990), que nominalizações de resultado também possuem estrutura argumental. Dessa forma, Alexiadou (2001) propõe estruturas distintas para os tipos de nominalizações de evento, como em (16), e de resultado, como em (17).

- (16) Evento¹²



¹² FP = categoria funcional; LP = categoria lexical

(17) Resultado



(ALEXIADOU, 2001, p. 57)

Como se vê nas representações, a distinção entre as duas estruturas deve-se ao fato de a raiz, nas nominalizações de evento, ser dominada pelas camadas funcionais eventivas *vP* e *AspP*, que não estão presentes nas nominalizações de resultado, o que permite a modificação por advérbios. Segundo Alexiadou (2001), a estrutura em (17) é suficiente para garantir a leitura de resultado sem uma camada de *AspP*, assumindo que há raízes que, semanticamente, denotam estado resultativo, associado ao significado dessas nominalizações. Em (16), *v* é agentivo e garante uma posição que abriga o agente. A projeção funcional *F*, nas duas estruturas, garante a atribuição de caso ao argumento interno selecionado pela raiz, quando ocorrer.

Alexiadou (2009) atualiza sua proposta a partir da comparação entre as nominalizações do inglês (verbal em *-ing*, nominal em *-ing* e *-ation*) e as do grego (*-m*, \emptyset), considerando não apenas a ambiguidade semântica, mas também a estrutural, ter ou não estrutura argumental. Tendo em vista que as nominalizações em *-ation* do inglês e as em *-m* do grego alternam quanto à estrutura argumental, como nos exemplos em (18) e (19), a autora propõe que, em sua estrutura, deve haver um *v*, já que essas raízes não são, elas mesmas, eventivas.

- (18) a. The **verbalization** of the concept took a long time. *estrutura argumental*
a verbalização do conceito durou muito tempo.
- b. The **verbalization** was long. *evento simples*
a verbalização foi longa
- (19) a. To **katharisma** tu ktiriu kratise 5 ores. *estrutura argumental*
a limpeza do edifício durou 5 horas
- b. To **katharisma** mas kurase. *evento simples*
a limpeza nos cansou.

Quanto à leitura de resultado, seguindo a proposta de Embick (2004) de que raízes estativas, ao serem combinadas com afixos eventivos, em ambiente nominal, referem-se à ação e ao resultado de uma ação, Alexiadou (2009) afirma, então, que nominalizações em *-ation*, por terem uma camada verbal, podem expressar também as duas leituras. Sobre ambiguidade semântica, a autora conclui:

Both the simple event and the result reading (as well as the AS reading) have the same basic structure, containing v in combination with the root, thus being in principle ambiguous (contra Alexiadou, 2001). What this suggests is that the availability of the result interpretation will always be dependent on a particular combination of v and the different types of roots¹³. (ALEXIADOU, 2010, p. 271).

A autora propõe a estrutura em (20a) para as formações verbais com *-ing*, que, diferente das demais, atribui caso a seu argumento interno e papel semântico de agente a seu argumento externo e a estrutura em (20b) para as demais formações deverbais, lembrando que, para a autora, não é a presença de uma camada verbal que determina a presença ou a ausência de estrutura argumental, mas a presença de outras categorias, tais como NumberP e AspP. Portanto, a estrutura em (20b) dá conta de todas as possibilidades que essas nominalizações permitem: leitura de evento e resultado; presença/ausência de estrutura argumental.

- (20) a. DP [Asp [VoiceP [vP √]]] gerundiva verbal
b. DP [NumberP [VoiceP [vP √]]] nominais gerundivos/nominais *-ation*

De acordo com Alexiadou (2009), as categorias que constituem a estrutura em (20b) têm os seguintes papéis nas nominalizações:

- √P, responsável, em alguns casos, pela distinção entre leitura de evento e de resultado, seguindo Embick (2004).
- vP, responsável pela leitura eventiva, e pode estar relacionada à presença do argumento interno¹⁴; além disso, permite, no grego e no inglês, modificação de evento, mesmo em nominalizações com leitura de resultado, seguindo proposta de Roßdeutscher (2007) para o alemão, como em (21):

¹³ “Tanto nominalizações de evento simples e de leitura de resultado (bem como a de leitura AS) têm a mesma estrutura básica, que contém v em combinação com a raiz, sendo assim, em princípio, ambígua (contra ALEXIADOU, 2001). O que isso sugere é que a disponibilidade da interpretação dos resultados será sempre dependente de uma combinação particular de v e dos diferentes tipos de raízes” [Tradução nossa].

¹⁴ Essa não é uma posição consensual na literatura; a autora apresenta outras propostas.

- (21) a. i viastiki dianomi
the rapid delivery
a entrega rápida
- b. the rough estimation/the rough measurement
a estimativa aproximada/ a medida aproximada

(ALEXIADOU, 2009, p. 272)

- VoiceP, posição que permite a presença de um argumento externo no domínio de uma nominalização: agente nas formações verbais gerundivas e *by-phrase* nas formações nominais; é evidenciada pela presença de modificadores de agente e pela possibilidade de licenciar construções de controle de sujeito (*by-phrase*), como em (22). Além disso, abriga telicidade que, combinada com aspecto morfológico em AspP, interferirá na projeção de argumentos.

- (22) ha-hoxaxa Sel ha-te'ana ('al yedey ha-matematika'it) kedey lizkot ba-pras
the proof of the claim by the-mathematician in-order to-win in-the-prize
the proof of the claim (by the mathematician) in order to win the prize
a prova da afirmação (pelo matemático) a fim de ganhar ganhar o prêmio

(ALEXIADOU, 2009, p. 275)

- AspP, combinada com NumberP, pode ser responsável pela presença de estrutura argumental.
- Number P, seguindo Sharvy (1978) e Borer (2005b), é onde ocorre a distinção massiva/contável; combinada com AspP, é responsável pela opcionalidade da estrutura argumental. Contrariamente à Grimshaw (1990-Quadro1), Alexiadou (2009) afirma que um subtipo de nominais de evento pode ser pluralizado, dependendo do traço de aspecto morfológico e *Aktionsart* contido na camada AspP e VoiceP, respectivamente. Quando télicos/delimitados, são contáveis e podem ser pluralizados, mas, quando são atélicos/não delimitados, comportam-se como massivos e não permitem pluralização, exceto se a leitura for de resultado e, nesse caso, perdem a estrutura argumental (ver, também, HARLEY, 2009).

4.4 Alexiadou e Shäfer (2010): -er, apenas um categorizador

Quanto às nominalizações exemplificadas em (4), pode-se dizer que, pelo fato de corresponderem ao argumento externo da base verbal (x_{dor} verbo (y)), elas são semelhantes às formações em -er do inglês, embora Alexiadou e Shäfer (2010) registrem formações que não sigam essa generalização e correspondam, por exemplo, ao argumento interno/tema do verbo ou a um locativo e tenham uma leitura idiossincrática (*teacher* (professor), *bestseller* (mais vendido), *kneeler* (lugar onde se ajoelhar), respectivamente), de maneira semelhante ao português (*levantador*, *saidor*, *corredor*, respectivamente). Com base nessa semelhança, parece-me interessante verificar como se dá a formação dessas nominalizações no inglês, pois elas podem dar pistas para o entendimento das nominalizações em (4), no português. Saliento que há uma diferença relevante a ser considerada em pesquisas sobre essas nominalizações no PB: as formações em -er do inglês são categorizadas apenas como substantivos, enquanto as em -dor do português são categorizadas, de acordo com a literatura linguística, como substantivo e adjetivo.

Alexiadou e Shäfer (2010) dividem as nominalizações que seguem a generalização de argumento externo em dois tipos: *disposicionais* e *episódicas*, anteriormente classificadas pelas autoras (2008) como [\pm evento], dada a possibilidade de ocorrer com argumento interno, seguindo Levin e Rappaport Hovav (1992), Fabb (1984), Keyser e Roeper (1984) e van Hout e Roeper, 1998. As nominalizações em -er [+evento] denotam o papel temático do argumento externo que, segundo as autoras, depende do “sabor” de VoiceP, e podem ser:

- (23)
- | | | |
|----|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| a. | is a great defuser of pent-up emotions | <i>causador</i> |
| | é um grande difusor de emoções reprimidas | |
| b. | a holder of a Visa or Master cart | <i>possuidor</i> |
| | titular/possuidor de um cartão Visa ou Master | |
| c. | as a dazzled admirer of Washington | <i>experienciador</i> |
| | como um admirador deslumbrado de Washington | |
| d. | a protein that is a potent inducer of new blood vessel growth | <i>instrumento</i> |
| | uma proteína que é um potente indutor do crescimento de novos vasos sanguíneos | |

(ALEXIADOU; SHÄFER, 2010, p.10)

As nominalizações [-eventivas] podem denotar nomes [+agente], como em (24), e nomes [+instrumento], como em (25).

- (24) lifesaver, fire-fighter, teacher → a person educated for a specific job
 salva-vidas, bombeiro, professor uma pessoa educada para um trabalho específico
- (25) a. a grinder → a machine intended for grinding things
 um moedor uma máquina destinada a moer coisas
 b. the destroyer → a something intended for the purposes of destroying, warship
 o destruidor algo destinado a destruir, navios de guerra

(ALEXIADOU; SHÄFER, 2010, p.10)

Nominalizações *-er* que denotam instrumento ocorrem apenas a partir de construções verbais com instrumento intermediário, ou seja, construções em que o instrumento possa exercer a função de sujeito, o que evidencia a presença de VoiceP, como em (26a), permitindo a nominalização do verbo *open/opener* (*abrir/abridor*). Porém, quando não é possível que o instrumento possa ocorrer na posição de sujeito, o verbo da construção não se nominaliza, como em (26b).

- (26) a. Mary opened the can with the new gadget.

Mary abriu a lata com o novo aparelho
 a'. The new gadget opened the can.

- o novo aparelho abriu a lata
 b. Bill ate the food with a fork
 Bill comeu a comida com um garfo
 b'. *The fork ate the meat
 * o garfo comeu a comida

(ALEXIADOU; SHÄFER, 2010, p.12)

Da análise das nominalizações *-er* do inglês, as autoras concluem que, na estrutura dessas formações, há sempre uma camada verbal, conforme a estrutura em (27); portanto, não é conceitualmente adequado distingui-las como [+evento], o que leva as autoras a classificar essas nominalizações em dispoicionais e episódicas.

- (27) [-er [VoiceP[vP [RootP]]]]

As motivações para a proposta de uma camada verbal nas nominalizações em *-er*, conforme (27), em Alexiadou e Shäfer (2008), foram as seguintes:

- Morfológica, presença de um morfema verbalizador em formações complexas:

(28) a. [+evento]

√COLON colon-ize_v coloniz-er_n (colonizador)

b. [-evento]

√VISUAL visual-ize_v visualiz-er_n (visualizador)

(Adaptado de (ALEXIADOU; SHÄFER, 2010, p. 15-17)

- Semântica: [+evento] permite modificação adjetiva com *beautiful* e *good*, com leitura ambígua (intersectiva e não intersectiva), como (29a), contrariamente às nominalizações [-evento] no inglês, que só permitem leitura intersectiva. Dessa forma, os autores procuram evidências no italiano, uma língua românica, em que a posição do adjetivo (pré ou pós-nominal) desencadeia diferentes leituras. No exemplo em (29b) de Cinque (2003), com o modificador em posição pós-nominal, verifica-se o mesmo comportamento esperado, ou seja, leituras ambíguas, o que, para as autoras, confirma a presença de uma camada verbal na estrutura de nominais *-er* que denotam instrumento.

(29) a. [+evento]

a beautiful dancer

uma bela dançarina

- x is beautiful and x is a dancer *intersectiva*
x é linda e x é dançarina
- x dances beautifully *não intersectiva*
x dança lindamente

(ALEXIADOU; SHÄFER, 2010, p. 16)

b. [-evento]

Un attaccante **buono**

um atacante bom_{1,5}

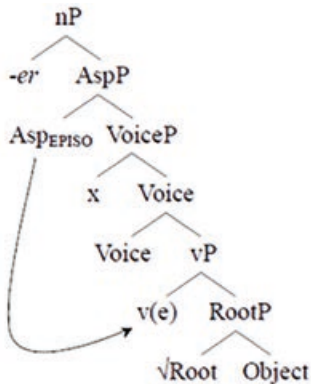
- (31) a. a grinder of (imported) coffee necessariamente pessoa
 um moedor de café (importado)
- b. a wiper of windshields necessariamente pessoa
 um limpador de pára-brisas
- c. saver of lives, fighter of fire necessariamente experiente na ação
 poupador de vidas, lutador de fogo

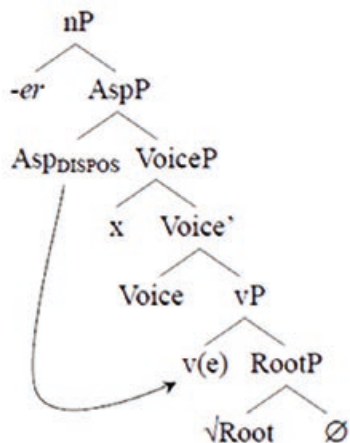
(ALEXIADOU; SHÄFER, 2010, p. 19-20)

A diferença entre os dois grupos está relacionada, principalmente, a duas noções: “ter a intenção de X” ou “praticar e causar X” e não $[\pm \text{evento}]$. Nas *nominalizações disposicionais*, em (31), verificam-se agentes que “têm a intenção de X” e instrumentos que são capazes de “praticar ou causar X”, mas não o fazem. Já em (32), *nominalizações episódicas*, verificam-se pessoas e instrumentos envolvidos na ação. A oposição entre (30a) e (31a) é que a primeira se refere a uma máquina idealizada para moer café, mas não está, necessariamente, ou nunca esteve em uso; enquanto na segunda, pressupõe-se que uma pessoa moeu efetivamente o *café importado*. Esse raciocínio pode ser aplicado aos demais exemplos.

Quanto à possibilidade de essas nominalizações requererem argumento interno, as autoras afirmam que não basta possuírem uma camada verbal para que isso ocorra. Elas propõem que é a presença de operadores aspectuais ‘disposicional’ *versus* ‘episódico’, ligados ao *v*, que licenciam a presença/ausência de argumento interno. Dessa forma, a estrutura proposta pelas autoras em 2008, registrada em (27), é acrescentada a camada AspP, conforme as representações a seguir.

- (32) $[+\text{event}]$ -er-ASP_{EPISODIC}



(33) [-evento]-er-ASP_{DISPOSICIONAL}

(ALEXIADOU; SHÄFER, 2010, p. 22)

Como se vê nas representações, os dois tipos de leituras de nominalizações em *-er* possuem as mesmas camadas; porém, as episódicas possuem estrutura argumental e as disposicionais, não. As autoras justificam esse comportamento levando em conta o traço EPISO, em (32), e o traço DIPOS no núcleo de AspP, que, relacionados ao núcleo *v*, licenciam a estrutura de argumento.

Como se verificou, tanto na análise das nominalizações em *-er*, como em *-ation* e *-ing*, o significado é construído considerando os traços que as categorias funcionais possuem. De acordo com Alexiadou e Schäfer (2010, p. 33), o *afixo*, “[...] ele próprio não tem contribuição semântica, ele simplesmente realiza o núcleo”¹⁶. Isso pode trazer um problema para explicar as nominalizações em *-er* formadas diretamente de raízes, aquelas que possuem significado idiossincrático, mas não tratados detalhadamente neste artigo.

As análises apresentadas nesta seção apontam pistas para que se possa realizar estudos sobre as nominalizações do português de maneira a confirmar ou refutar o que foi proposto quanto a fato de os afixos possuírem apenas o traço categorial de nominalizador (HARLEY, 2009; ALEXIADOU, 2001, 2009; ALEXIADOU; SHÄFER, 2010).

5. ALGUMAS QUESTÕES

Nesta seção, apresento algumas questões sobre as nominalizações do português suscitadas a partir dos fatos apresentados nas seções anteriores e que

¹⁶ *The affix itself does not have a semantic contribution; it simply realizes a nominal head.*

são norteadoras em minha agenda de investigação. Antes, apresento de forma resumida os pressupostos da MD que estão na base das reflexões realizadas.

5.1 A Morfologia Distribuída – pressupostos básicos

Neste trabalho, assumo os pressupostos da Morfologia Distribuída, a fim de propor algumas questões relacionadas às nominalizações do português brasileiro. Resumidamente, a MD é uma abordagem gerativista que se insere na *Teoria dos Princípios e Parâmetros*. Seus pressupostos básicos foram propostos, inicialmente, por Hale e Marantz (1993) e, posteriormente, desenvolvidos e aplicados em diversos trabalhos (HARLEY; NOYER, 1999; SIDDIQI, 2009; EMBICK; NOYER, 2007, entre outros). Na arquitetura da gramática, de acordo com MD, há apenas um mecanismo gerativo, a sintaxe, que gera as palavras e as sentenças (HALLE; MARANTZ, 1993; HARLEY; NOYER, 1999; EMBICK, 2004). A essa propriedade dá-se o nome de *estrutura sintática hierárquica em toda a derivação*¹⁷. É considerada não lexicalista, visto que propõe que as informações, antes atribuídas ao léxico, são distribuídas em três listas, ao longo da derivação, tendo em vista as informações nelas contidas.

De acordo com Marantz (1997), a Lista 1, que fornece elementos ao componente sintático para a derivação de sentenças e palavras, é constituída de traços sintáticos e semânticos universais, raízes, traços morfossintáticos, itens funcionais: categorizador, gênero, número, pessoa verbal, caso etc. A Lista 2, também chamada de Vocabulário, armazena os itens de vocabulários (IV), constituídos de informações fonológicas e contexto gramatical de inserção, os quais entrarão nos nós terminais abstratos, após a derivação sintática. A Lista 3, ou Enciclopédia, armazena aspectos semânticos linguísticos e extralinguísticos. Encontram-se armazenados nessa lista os significados especiais referentes não só às raízes, mas também às expressões idiomáticas que compõem o conhecimento de mundo dos falantes.

De acordo com a propriedade *estrutura sintática hierárquica em toda a derivação*, segundo Siddiqi (2009), na formação das palavras, são empregados os mesmos princípios e operações aplicados à sintaxe (*Move* e *Merge*). Dessa forma, os nós terminais, nos quais são inseridos os IVs, são resultantes da aplicação dessas operações, obedecendo aos mesmos princípios sintáticos observados nos constituintes da sentença. Ou seja, as palavras também são estruturas hierárquicas geradas na sintaxe (HALLE; MARANTZ, 1994; HARLEY; NOYER, 1999; EMBICK; NOYER, 2007).

¹⁷ *All the Way Down* conforme Halle e Marantz (1994).

Relaciono a seguir os pressupostos da MD que me serviram de base para a proposição das questões em 4.2 acerca dos nominalizadores do PB.

- a) raízes não possuem informações categoriais (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997), permitindo que uma mesma raiz possa ser adjungida a categorizadores diferentes em seu primeiro merge;
- b) raízes não possuem informações semânticas (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997), evidenciada pelo fato de uma raiz, em seu primeiro merge, permitir leitura idiosincrática, embora essa não seja ainda uma questão assentada na teoria¹⁸;
- c) raízes não possuem informações sintáticas de projeção de argumentos (BASSANI; MINUSSI, 2015);
- d) um item de vocabulário não necessita ser completamente especificado para ser inserido nos nós terminais (subespecificação), considerando os traços presentes nos morfemas abstratos gerados na sintaxe (HALLE; MARANTZ, 1994, p. 277).

É também relevante, na proposição das questões, a propriedade de *subespecificação*, segundo a qual, um item de vocabulário não necessita ser completamente especificado para ser inserido nos nós terminais, considerando os traços presentes nos morfemas abstratos gerados na sintaxe (HALLE; MARANTZ, 1994, p. 277). Essa propriedade permite verificar que especificações constituem o contexto de inserção dos nominalizadores.

5.2 Propondo questões

- I) Tendo em vista o comportamento descrito das nominalizações no inglês e no grego na seção 4, poderíamos esperar as mesmas condições na formação das nominalizações similares no português?
- I) Para a MD, apenas raízes são *lexicais* e seu significado é negociado na Lista 3. A inserção de sua matriz fonológica na derivação se dá por escolha, pois na Lista 2, não há qualquer informação quanto à sua inserção. Por outro lado, os afixos nominalizadores são itens funcionais e sua matriz fonológica deve estar relacionada a regras de inserção que os permite ser inseridos em um nó terminal especificado. Por exemplo, o sufixo *-dor* é um item funcional, em seu contexto de inserção pode-se esperar que contenha traços aspectuais: [+dinâmico], por denotar agentividade/cau-

¹⁸ Arad (2005) propõe que raízes possuem informações semântico-conceituais.

satividade e instrumento, [+duração], por expressar habitualidade, como propõe Bierwisch (2009) para formações semelhantes no alemão, e ainda o traço categorial, [+NOM]¹⁹. De acordo com Alexiadou e Schäfer (2010), o sufixo *-er*, similar ao *-dor* do português, não contém nenhum traço semântico, é apenas categorizador. O significado final da nominalização é dado a partir da combinação das informações contidas nas projeções funcionais (VoiceP e AspP) que entram em sua derivação, conforme subseção 3.4. Dessa forma, esse afixo seria subespecificado em relação ao nó terminal em que é inserido, o que não é problema para a MD. Tendo isso em vista:

- O nominalizador *-dor* poderia ser analisado da mesma forma que o nominalizador *-er* do inglês, considerando que aquele forma nomes e adjetivos?
- Que traços teriam os nominalizadores *-dor*, *-nte* do PB na Lista 2, que categorizam substantivos e adjetivos, diferentemente do *-er* do inglês, que só categoriza substantivos, mas permite a mesma leitura?
- No português, há outros afixos que compartilham com *-dor* aspectos semânticos, tais como *-eiro* e *-ista*, por exemplo, e se adjungem diretamente a raízes (*açougueiro*²⁰ e *taxista*) ou a palavras (*cabeleireiro* e *nutricionista*). Seria possível realizar uma análise unificada para esses nominalizadores?
- Se, na Lista 2, o contexto de inserção de *-eiro* e *-ista* for [+NOM], como se obtém o significado final de suas nominalizações, já que não possuem camadas funcionais decorrentes da presença de uma camada eventiva *v*, contribuindo para a sua leitura final, como nas formações em *-dor*?
- Considerando que o significado das nominalizações em *-eiro* e *-ista* não resultam da combinação de traços presentes em sua estrutura funcional, teriam eles informações que condicionariam a sua interseção no nó terminal?
- Mas isso não criaria um problema para a teoria, uma vez que a ausência de camadas funcionais na estrutura da nominalização implicaria

¹⁹ Registro apenas [+NOM], mas consciente de que deve haver ainda alguma informação quanto à possibilidade de esse afixo formar nomes e adjetivos.

²⁰ Para uma discussão sobre a leitura do sufixo *-eiro*, numa perspectiva sintática, ver Scher e Armelin (2018) (*a sair*).

um nó terminal subespecificado em relação ao item vocabulário na Lista 2, que seria superespecificado?

- Seriam os nominalizadores não deverbais primitivos semelhantes a raízes, ou seja, morfemas lexicais?²¹

I) De acordo com Alexiadou (2009), a ambiguidade entre leitura de resultado e de evento é dada estruturalmente. Em ambas, há uma camada verbal e a distinção se dá pela combinação de traços presentes em VoiceP e NumberP, como na representação em (20b). No PB, os nominalizadores *-mento*, *-ção* e *-agem*, além de se adjungirem a verbos, expressando leitura de evento e resultado, podem se adjungir diretamente a raízes, ou, talvez a palavras, expressando entidade (*armamento*, *munição*, *plumagem*), que geralmente expressam leitura de conjunto.

- Tendo em vista a ambiguidade entre as leituras de conjunto, mais frequente, e a de unidade, a partir da adjunção de, por exemplo, *-mento* a bases não verbais (*fardamento*, *armamento*), como se vê (34), proponho três questões.

(34) a. O armamento do exército está em segurança.

= Leitura de conjunto

b. O governo cria regras para o cidadão adquirir seu armamento²².

= Leitura de individual, adquirir apenas uma arma de fogo.

= Leitura de conjunto, armas de fogo ou de instrumentos que se constituam arma.

a) assumindo que *-mento*, na Lista 2, possui apenas o traço [NOM], como explicar a ambiguidade entre leitura coletiva e individual observada em (33)?

b) além disso, como explicar a possibilidade de armamento referir-se tanto a um conjunto de armas, quanto a um conjunto de instrumentos que seja utilizados como arma?

c) seria possível explicar apenas considerando a estrutura? Se sim, que categoria funcional seria responsável por permitir tais leituras? E como essa estrutura estaria organizada de maneira que o nó terminal não fosse mais especificado que o item de vocabulário na Lista 2?

²¹ Para uma discussão sobre esse assunto, ver Lowenstan (2010).

²² Agradeço a Rerisson Cavalcante pela contribuição desta possibilidade de leitura.

- I) Por fim, se esses nominalizadores deverbais forem apenas categorizadores, conforme apresentado na seção 3, e o tipo de leitura (resultado, evento, entidade, disposicional, episódica) é a combinação das camadas funcionais presentes na derivação, como se dá a competição pela entrada dos expoentes fonológicos (-ção, -mento, -agem, -dor, -nte, afixo Ø) nos nós sintáticos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, cujo principal objetivo foi o de apresentar perspectivas de análise morfológicas no âmbito da MD, foram elencadas questões de natureza descritiva e explicativa no que diz respeito à leitura final e à estrutura da nominalizações. Além disso, a partir da comparação entre: i) as nominalizações deverbais do PB e as nominalizações de outras línguas; e ii) as nominalizações deverbais e não deverbais do PB, no que diz respeito à leitura final, questiona-se acerca das informações que constituem nas línguas o contexto de inserção dos nominalizadores (Lista 2) nos nós terminais.

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, Artemis. *Functional Structure in Nominals*. Nominalization and Ergativity. Amsterdam: Benjamins, 2001.

_____. On the role of syntactic locality in morphological processes: the case of (Greek) derived nominals. In: GIANNAKIDOU, Anastasia; RATHERT, Monika (Ed.). *Quantification, Definiteness, and Nominalization*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2009. p. 253-280.

_____. Nominalizations: A Probe into the Architecture of Grammar

Part I: The Nominalization Puzzle. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 7, p. 496-511, 2010.

_____; SCHÄFER, Florian. On the syntax of episodic vs. dispositional *-er* nominals. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika (Ed.). *The syntax of nominalizations across languages and frameworks*. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2010. p. 9-38.

ARAD, Maya. *Roots and Patterns*: Hebrew morpho-syntax. Springer, 2005.

BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIERWISCH, Manfred. Nominalization – lexical and syntactic aspects. In: GI-ANNAKIDOU, Anastasia; RATHERT, Monika (Ed.). *Quantification, Definiteness, and Nominalization*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2009. p. 281-320.

BORER, Hagit. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations. In: MOORE, John; POLINSKY, Maria (Ed.). *The Nature of Explanation in Linguistic Theory*. Chicago IL: CSLI; University of Chicago Press, 2003. p. 31-67.

_____. *The Normal Course of Events*. Structuring Sense, v. II. Oxford: Oxford University Press, 2005b.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. *Readings in English Transformational Grammar*. Boston: Ginn., 1970. p. 184-221.

CINQUE, Guglielmo. The dual source of adjectives and XP vs. N-raising in the romance DP. *IX Giornata di Dialettologia*, Padova, 26 giugno, 2003. Disponível em:

<www.ic.sunysb.edu/Clubs/nels/handouts/cinque_nels_2003.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

EMBICK, David. On the Structure of Resultative Participles in English. *Linguistic Inquiry*. 2004. p. 355–392.

_____; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles. (Ed.). *The Oxford handbook of linguistic interface*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289-324.

FABB, Nigei. *Syntactic affixation*. Doctoral Dissertation, MIT, Cambridge, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GRIMSHAW, Jane. *Argument structure*. Massachusetts: The MIT Press, 1990.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Ed.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

_____. Some key features of distributed Morphology. In: MITPWL 21. *Papers on Phonology and Morphology*, Cambridge, MIT Press, n. 21, p. 275-288, 1994.

HARLEY, Heidi. The morphology of nominalizations and the syntax of vP. In: GIANNAKIDOU, Anastasia; RATHERT, Monika (Ed.). *Quantification, Definiteness, and Nominalization*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2009. p.321-343.

_____; NOYER, Rolf. Mixed Nominalizations, Short Verb Movement and Object Shift in English. Paper presented at *NELS*, 1997.

_____. State-of-the-article: Distributed Morphology. *Glott International*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KEYSER, S.; ROEPER, T. On the middle and ergative constructions in English. *LI* 15, 1984. p. 381-416.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT HOVAV, Malka. The lexical semantics of verbs of motion: the perspective from unaccusativity. In: ROCA, I. *Thematic structure: its role in grammar*. Berlin: Foris, 1992. p. 247-269.

LOWENSTAMM, Jean. *Derivational Affixes as Roots*. (Phasal Spellout meets English Stress Shift). MS, Université Paris-Diderot & CNRS, 2010.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis et al. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225, 1997.

MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

OLIVEIRA, Solange Mendes. O Sufixo nominal agentivo -dor/-tor/-sor: uma análise à luz da Morfologia Distribuída. *Eletras (UTP)*, v. 15, p. 1-12, 2007.

- PICALLO, M. Carme. Nominals and nominalizations in Catalan. *Probus* 3, p. 279-316, 1991.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- ROßDEUTSCHER, Antje. *Resultatslesarten und modulare Repräsentation*. Ms.: University of Stuttgart, 2007.
- SCHER, A. P.; ARMELIN, P. R. G. As formações agentivas com o sufixo -eir- no português brasileiro: uma abordagem sintática. In: MEDEIROS, A. B. de; NEVINS, A. I. (Org.) *O apelo das árvores: estudos em homenagem a Miriam Lemle*. (a sair).
- SHARVY, Richard. Maybe English has no count nouns: notes on Chinese semantics. *Studies in Language*, 2, p. 345-365, 1978.
- SIDDIQI, Daniel. *Syntax within the word: Economy, allomorphy and argument selection in distributed morphology*. Philadelphia: John Benjamins North America, 2009.
- SILONI, T. *Noun Phrases and Nominalizations: the Syntax of DPs*. Dordrecht: Kluwer, 1997.
- SLEEMAN, Petra; BRITO, Ana Maria. Aspect and argument structure of deverbal nominalizations: A split vP analysis. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHER, Monika (Ed.). *The syntax of nominalizations across languages and frameworks*. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2010. p. 199-219.
- VAN HOUT, Angeliek; ROEPER, Thomas. Events and Aspectual Structure in Derivational Morphology. In: HARLEY, Heidi (Ed.). *Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect*. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, Mass., MIT Press, v. 32, p. 175-200, 1998.
- VENDLER, Zeno. *Linguistics and Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

